

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO

RAFAEL RODRIGUES BERTEI

ORGANIZAÇÃO NO FUTEBOL:
SISTEMAS E TIPOS DE MARCAÇÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
JOGADORES

PORTO ALEGRE

2009

RAFAEL RODRIGUES BERTEI

ORGANIZAÇÃO NO FUTEBOL:
SISTEMAS E TIPOS DE MARCAÇÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
JOGADORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Alberto de Oliveira Monteiro

PORTO ALEGRE

2009

RESUMO

O futebol é um jogo coletivo onde cada equipe tenta dificultar as ações adversárias. Por isso, a organização de uma equipe, que abrange vários itens entre eles o sistema (posicionamento dos jogadores dentro de campo) e o tipo de marcação (individual, zona e mista), é um dos aspectos mais trabalhados atualmente nas categorias de base dos clubes de competição. O presente trabalho teve como objetivo identificar qual a melhor organização de uma equipe de futebol com base nos sistemas e nos tipos de marcação. O estudo foi realizado com equipes sub-10 a sub-15 participantes do Campeonato Gaúcho de Futebol. A coleta dos dados foi realizada através de observações diretas (no local do jogo) e indiretas (vídeos). A pesquisa é do tipo qualitativa, possui caráter descritivo. Os dados foram examinados através da análise de conteúdo.

Palavras-chave: Futebol. Organização. Sistema. Marcação.

ABSTRACT

The football is a collective game where each team try to difficult the adversary actions. Then, the organization of the team, that comprehend several item, among them the system (emplacement of the players in the ground) and the type of marking (individual, zone and mixed), is one of the aspect more worked today in the base category in the match clubs. This work has how objective to identify what organization is more adapted to a football team with base in the systems and types of marking. The analyzed fact indicate the system 4-4-2 and the zone marking as been the more appropriate for the organization of the team. The study was realized with thirty teams (sub-10 e sub-15) participant in the football Championship Gaúcho. The collect of the fact was realized through the direct observations (in the place of the game) and indirect (videos). The research is qualitative and has descriptive character: the fact was examined through the subject analysis.

Key-words: Football. Organization. System. Marking.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
3 METODOLOGIA.....	17
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	17
3.2 AMOSTRA.....	17
3.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	17
3.3.1 Observações Como Técnica de Pesquisa	17
3.3.1.1 Observações Simples Direta e Indireta.....	18
3.3.1.2 Aplicação das Observações	19
3.3.2 Diário de Campo.....	19
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	20
3.4.1 Constituição do Corpus.....	20
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	20
3.5.1 Sistema Categorial.....	21
3.5.1.1 Categorias a <i>Priori</i>	21
4 RESULTADOS e DISCUSSÃO	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29
ANEXO A - FORMULÁRIO DE OBSERVAÇÃO	31

1 INTRODUÇÃO

O futebol moderno é um espetáculo assistido por milhares de pessoas em todo o mundo, envolvendo sentimentos de raiva, amor, tristeza e alegria. É considerado um esporte de fenômeno social, pois abrange todas as classes, raças, sexos e idades. Pode-se dizer que o futebol é o fenômeno sócio-cultural mais expressivo da nossa atualidade e está intensamente presente na vida das crianças, jovens e adultos.

Ainda, é um esporte de fácil prática, pois é jogado em qualquer lugar, atraindo milhares de praticantes e espectadores. Movimenta grandes quantidades de dinheiro nas transações de jogadores, publicidades, faturamentos e investimentos, gerando uma busca incessante pelas crianças e adolescentes que vislumbram entrar para o mercado da bola, onde contratos milionários e o reconhecimento mundial acontecem.

Em virtude disso, há, atualmente, uma grande procura por centros especializados em futebol, chamados escolinhas, onde crianças e adolescentes adquirem os ensinamentos da parte física, técnica e tática. Isto ocorre, também, devido à necessidade de ocupação da carga horária e de uma vida saudável, fazendo com que as crianças sejam inseridas cada vez mais cedo em equipes de competição com alto nível de exigência.

O ensino e o desenvolvimento da tática e da técnica requerem uma grande capacidade intelectual do atleta. A eficácia da tática, especificamente, depende da capacidade de percepção, antecipação e tomada de decisão, o que reflete na capacidade tática e na experiência motora do atleta. Para isso deverá ter uma organização tanto no sistema que utilizará quanto no tipo de marcação.

De acordo com Fernandes (1994 apud CUNHA; BINOTTO; BARROS, 2001, p. 111) “a evolução do futebol caracteriza-se por uma alta exigência física, técnica e psicológica, além do aspecto tático que vem se constituindo num fator decisivo para a obtenção de sucesso de uma equipe”.

Os sistemas são fundamentais no futebol moderno, através deles os atletas podem ter maior ou menor déficit na parte física, influenciando também na realização dos fundamentos técnicos.

Os tipos de marcação são essenciais, pois é a forma como cada equipe tentará anular a construção das jogadas ofensivas adversárias.

O interesse pelo tema deste projeto surgiu a partir da prática do futebol com crianças quando tivemos a oportunidade de notar a existência de diferenças específicas na aplicação dos sistemas e tipos de marcação no jogo, as quais requerem atenção e estudos, para que haja um melhor rendimento no processo de formação de jogadores de futebol.

No decorrer do trabalho buscamos analisar e descrever quais os sistemas mais utilizados durante os jogos observados nas categorias sub-10 a sub-15. Para isso, procuramos responder as questões: qual sistema utilizado pelos treinadores originou o maior número de vitórias? Qual sistema gerou o maior número de gols? Qual apresentou o maior número de gols sofridos? A mudança de sistema no transcorrer de uma partida ocasionou bons resultados? Qual será o tipo de marcação mais usado nos jogos? Em qual ocorreu os melhores resultados?

Devido à dificuldade em conceituar alguns termos, buscamos conceitos na literatura do futebol e do futsal para a compreensão do tema deste trabalho. Além disso, faremos um breve comentário sobre o papel do treinador na escolha dos sistemas e tipos de marcação para o treinamento das equipes.

Tendo em vista o que foi apresentado, este projeto teve como objetivo identificar, através da observação de jogos de futebol, a organização mais adequada (sistemas e tipos de marcação) no processo de formação de jogadores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O futebol é considerado um esporte coletivo, jogado, geralmente, pela organização de equipes com vários atletas; por isso é considerado um Jogo Desportivo Coletivo (JDC).

Os JDC proporcionam diferentes situações, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de competências como tático, técnico e sócio-afetivo.

Para Graça e Oliveira (1994, p.11),

a identidade e importância dos JDC residem em dois traços fundamentais: cooperação entre os elementos de uma mesma equipe para vencer a oposição dos elementos da equipe adversária e inteligência, que é a capacidade de adaptação a novas situações.

Por isso, os JDC são considerados atividades ricas em desafios, pois o indivíduo tem que ter a capacidade de resolução para o problema que o jogo oferece a ele. Isso leva a uma maior adaptabilidade, especialmente no plano tático-cognitivo. O jogo ainda requer que o indivíduo tenha uma permanente atitude tática-estratégia.

A equipe é o ponto central do ensino-aprendizagem, porque interagem todos os elementos constituintes do coletivo, ou seja, cria-se um sistema de referências onde se integram todos os jogadores no objetivo de transpor a dificuldade exigida pelo adversário, ou ainda, a equipe abrange um grupo de indivíduos reunidos para realizar um objetivo comum previamente definido (BAYER, 1979 apud GRAÇA e OLIVEIRA, 1994).

“O futebol por ser um esporte coletivo exigente, requer um alto nível de deslocamentos, estando de posse da bola ou não” (GODIK, 1996 apud CUNHA; BINOTTO; BARROS, 2001, p. 111). Isso transformou a preparação tática específica numa área de crescente interesse e, como prova disso, o surgimento de inúmeros sistemas de jogo (CUNHA; BINOTTO; BARROS, 2001, p. 111-112).

Toda equipe de futebol reflete, quando joga, uma organização mais ou menos elaborada visível, fundamentalmente, pela forma como os jogadores se colocam no terreno de jogo e como atacam e defendem (QUINA, 2001).

Muitas pessoas que participam do futebol (profissionais, mídia, torcedores) comentem erros quanto aos conceitos dos elementos do jogo, tais como sistema, esquema e tática. Por isso, cabe a nós tentar definir qual o conceito que será utilizado no trabalho.

Sistema é a forma de distribuição dos jogadores no terreno de jogo, de forma que possam ocupar de maneira racional todos os setores do campo. Para Voser (2003, p. 113) é a maneira de distribuir os jogadores na quadra, ou simplesmente o posicionamento dos jogadores.

De acordo com Mutti (2003, p. 180),

sistema é a colocação dos jogadores em quadra com o objetivo de anular as manobras ofensivas da equipe adversária (defender) e confundir seus dispositivos defensivos para marcar o gol (atacar).

Para Lopes (2004, p. 58) “sistema é o posicionamento dos jogadores em quadra de maneira que se consiga anular as manobras de ataque do adversário, com manobras pré-estabelecidas e ludibriar a defesa inimiga”.

Segundo Viana (1981, p. 393) “sistema de jogo é a forma pré-estabelecida de atuação da equipe, com a distribuição adequada dos atletas em campo”.

Por sistema de jogo se entende a disposição de jogadores em campo de forma que atenda os problemas de estruturação, permitindo amplas possibilidades para variações táticas (OLIVEIRA, 1994). Neste caminho, Leal (2001 apud BARBIERI; BENITES; NETO, 2009, p. 431) coloca que o sistema de jogo além de ter a distribuição dos jogadores em uma estrutura organizada e coordenada existe uma interdependência, com funções definidas que se completam e se movimentam visando, com o menor esforço possível, alcançar melhor produção e resultado.

De acordo com Baratz (2002) sistema de jogo é apenas a definição de quantos atletas jogarão no setor de ataque, meio - campo e defesa.

Para Quina (2001, p. 29) “os sistemas de jogo, também chamados de dispositivos táticos, representam o modo de colocação dos jogadores no terreno de jogo”. Isto estabelece ordem e equilíbrio nas diferentes zonas, servindo de ponto de partida para os deslocamentos dos jogadores e para as ações individuais e coletivas (TEODORESCU, 1984 apud QUINA, 2001, p. 29).

Segundo Castelo (1994),

os sistemas de jogo asseguram a racionalização do espaço de jogo através da distribuição dos jogadores, a racionalização das potencialidades individuais e estabelecem normas orientadoras dos comportamentos técnico-táticos individuais e coletivos (QUINA, 2001, p. 29).

Esquemas são as variações do sistema de jogo (posição dos jogadores dentro de campo antes do início da partida), podendo ou não, ser utilizadas, durante uma partida, para confundir o adversário (FRISSELLI E MANTOVANI, 1999). Para Mutti (1994, p. 187) “esquema é a síntese da tática, ou seja, jogadas de ataque e defesa criadas e aplicadas durante o jogo”. Lopes (2004) utiliza a palavra manobra para designar esquema, que ele define como toda ação de uma equipe com intuito de consignar tentos (passes, infiltrações, deslocamentos) ou defender-se.

Já tática é a ação de mover no terreno de jogo os jogadores com a finalidade de ultrapassar ou travar os adversários ou, por outras palavras, toda e qualquer ação inteligente (MAROTZKE, 1979). “Tática são as movimentações dos jogadores dentro de um determinado sistema” (VOSER, 2003, p. 113). Lopes (2004, p. 58) “define tática como uma forma organizada de aplicar um sistema e seus vários esquemas táticos, tendo como objetivo combinar o jogo de ataque e defesa”.

Para Silva (1978, p. 71),

tática é a movimentação harmoniosa e racional dos jogadores individual ou coletivamente no sentido de resolver favoravelmente as incidências próprias do jogo e concretizar a estratégia para ele previamente estabelecida.

De acordo com Garganta (2001, apud COSTA e NASCIMENTO, 2004, p. 51) “a tática é entendida como algo que se refere à forma como os jogadores e as equipes gerem os momentos do jogo”.

Frisselli e Mantovani (1999) definem tática como ações de ataque e defesa, com a bola em movimento, que se realizam no decorrer de uma partida para surpreender ou contrapor as ações realizadas pelo adversário.

Para Mutti (1994, p. 177) “tática é o estudo, a orientação e a execução de manobras ofensivas e defensivas de uma equipe durante o jogo”.

Depois de esclarecidos alguns conceitos presentes no futebol, optamos pelo uso do termo sistema para usarmos no nosso trabalho.

Desde que o futebol foi regulamentado com a participação de apenas onze jogadores por equipe, houve a necessidade, por parte dos comandantes, da criação de uma organização no intuito de alcançar os objetivos traçados. Por isso, originaram-se sistemas como (sem contar o goleiro) o 1 - 1 - 8, 1 - 2 - 7, 2 - 2 - 6, 2 - 3 - 5, WM e o 4 - 2 - 4. Posteriormente a esses citados, surgiram o 4 - 4 - 2, 4 - 3 - 3, 4 - 5 - 1 e o 3 - 5 - 2, sendo os mais utilizados hoje em dia (FRISSELI e MANTOVANI, 1999; SANTOS FILHO, 2002; SANTOS, 1979; BARATZ, 2002; SILVA, 1978; QUINA, 2001).

Um dos sistemas mais comentado, tanto na mídia como no ambiente esportivo, é o 4 - 4 - 2 que tem como características uma marcação forte no setor de meio campo e a prioridade em defender e destruir as jogadas do adversário (FRISSELI e MANTOVANI, 1999). Segundo Gonçalves (1997) apud Barbieri, Benites e Neto (2009), esse sistema tem como característica a intensidade na marcação e o bloqueio dos espaços. Para Quina (2001), é um sistema que privilegia o reforço da linha média. Ele é muito utilizado porque ocupa de forma racional e equilibrada os espaços de jogo e ajuda nas movimentações táticas. A distribuição dos jogadores em campo é composta de quatro zagueiros, quatro jogadores no meio de campo e dois atacantes (MELO, 1999). Para cada setor desse sistema, poderá haver jogadores com funções iguais ou diferentes. Um exemplo são os jogadores posicionados no meio de campo, que podem exercer funções mais defensivas ou ofensivas. Esse sistema possibilita variações, o que consisti numa de suas qualidades, visto que, durante a partida, há necessidade, em alguns momentos, do retorno

de um ou dos dois atacantes para a marcação no setor de meio campo, aparecendo o 4 - 5 - 1 ou o 4 - 6 - 0 (FRISSELI e MANTOVANI, 1999).

Santos Filho (2002, p. 41) “considera um sistema mais defensivo que ofensivo; mas, se bem organizado, as movimentações poderão criar grandes dificuldades para a equipe adversária”. Ainda, o autor lista algumas desvantagens, tais como: a inferioridade numérica no setor de ataque, quando enfrenta equipes que contam com quatro zagueiros; a exigência física dos jogadores de meio campo, pois cumprem funções tanto defensivas como ofensivas; a facilidade para o adversário sair jogando, em virtude da presença de apenas dois atacantes na marcação da saída de bola. Já Frisseli e Mantovani (1999) discordam, pois para eles, nesse sistema quatro homens tentam neutralizar a saída de bola da equipe adversária.

Outro sistema bastante referenciado é o 4 - 3 - 3, que apresenta a disposição de quatro jogadores em uma linha mais defensiva, três jogadores situados a frente dos defensores (linha intermediária) e três mais avançados numa linha de ataque (SILVA, 1978). Esse sistema exige de seus atletas um excelente preparo físico, pois se encontram em constantes movimentações ou trocas de posições (SANTOS FILHO, 2002).

Apresenta como principais vantagens, segundo Santos Filho (2002), às coberturas, marcação forte tanto no meio como na defesa, principalmente na saída de bola adversária, e a criação de jogadas ofensivas, pois se encontra com três atacantes. Porém, tem desvantagens: a necessidade de contar com jogadores versáteis, que cumpram mais de uma função dentro de campo.

Já o 3 - 5 - 2 é composto por uma linha de três zagueiros (dois zagueiros e um líbero) cinco jogadores no meio campo e dois atacantes (MELO, 1999). Tem como principal característica a utilização de alas, presentes no setor de meio campo, que devem cumprir funções tanto ofensivas quanto defensivas, além de auxiliarem os jogadores de meio campo, exigindo um preparo físico excelente para o desempenho dessas funções, pois estão em constantes movimentações (FRISSELI e MANTOVANI, 1999).

Esse sistema apresenta algumas vantagens em sua utilização, como nos momentos finais de uma partida, quando o escore lhe favorece, pois a composição com mais um zagueiro para marcação, dois para três, torna seu esquema mais forte defensivamente (SANTOS FILHO, 2002). Também,

permite o uso de jogadores em diferentes posições, como um jogador com funções de criação no lugar de um ala ou vice-versa. Além do mais, dificulta a criação das jogadas no meio campo para a equipe adversária, pois tem um número maior de jogadores presentes nesse setor.

Quanto às desvantagens, conforme Santos Filho (2002), facilita as saídas de bola do adversário, se não for bem treinado poderá tornar-se um sistema demasiadamente defensivo, pois muitas vezes os alas juntam-se aos zagueiros formando uma linha de cinco marcadores. Por encontrarem-se em constantes movimentações, os jogadores poderão deixar espaços vazios, o que facilitaria a criação de jogadas ofensivas da equipe adversária.

O sistema 4 - 5 - 1 consiste numa linha de quatro defensores, cinco jogadores posicionados no meio campo e apenas um atacante (MELO, 1999).

“As táticas ou princípios defensivos são ações realizadas pelos jogadores quando não estão de posse da bola” (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 170). A fase do jogo durante a qual uma equipe luta para entrar de posse da bola, tendo em vista a realização das ações ofensivas é definida como processo defensivo (QUINA, 2001). Ainda, para esse autor, existem objetivos fundamentais que são a defesa da goleira e a recuperação da bola. Nos momentos em que o adversário esteja de posse da bola, a nossa principal função é tentar recuperá-la ou impedir a transição do ataque da equipe adversária. Para isso, são utilizadas ações que dificultam a armação das jogadas adversárias, como a cobertura, marcação, antecipação e interceptação, entre outras, sendo estas as mais importantes.

“A marcação é a ação de aproximar o futebolista sem a posse de bola dos que estão de posse, com o objetivo de “roubar” essa posse ou impedir uma ação ofensiva” (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 171).

Segundo Voser (2003, p. 144), a marcação significa não deixar o oponente jogar, isto é, impedir o mesmo de levar vantagem nas disputas de bola e conseqüentemente defender o seu gol contra as investidas da equipe contrária. Para Lopes (2004, p. 30) “marcação é o ato de impedir a progressão, pelos espaços de jogo, de um oponente em posse de bola”.

“Existem diferentes tipos de marcação, como a individual (homem a homem), onde cada integrante da equipe ficará responsável pela marcação de um jogador adversário” (LOPES, 2004, p. 31). Para Silva (1978, p. 136),

“consiste em um jogador marcar de perto o adversário que lhe compete, qualquer que seja o lugar do campo por onde se movimenta”. Esse tipo de marcação exige um enorme gasto energético, visto que, a todo instante deve limitar a atuação do seu adversário através do encurtamento de espaços (SANTOS FILHO, 2002). Portanto, o atleta que for realizar este tipo de marcação precisará ter uma excelente capacidade física para não propiciar vantagens para a equipe adversária. A marcação individualizada pode ser usada para impedir que o jogador principal da outra equipe organize jogadas que possam gerar dificuldades para sua defesa.

Outra marcação, essa bem mais utilizada que a anterior, é a zona que consiste na divisão do campo em determinados setores. A partir da divisão, fica estipulado que cada jogador será responsável pela marcação naquele setor (SANTOS FILHO, 2002). Para Silva (1978, p. 137) “a marcação em zona consiste no jogador se situar numa certa zona do campo, na sua área de atuação, e aí esperar pelo adversário, para impedi-lo de tocar a bola”.

Esse tipo de marcação é muito utilizado em equipes que não apresentam uma capacidade física boa, possibilitando, aos jogadores, menores movimentações (SANTOS FILHO, 2002). Além disso, permite a utilização de jogadores mais lentos, pois a todo instante a bola permanece vigiada, o que resulta, em grande parte das movimentações defensivas, no apoio ao marcador.

Ainda existe a marcação mista, que é a união da individual e da marcação por zona. Consiste na marcação de um homem individualmente, enquanto o resto da equipe marca por zona (LOPES, 2004). Para sua utilização, os jogadores devem estar bem treinados com os dois tipos, porque a todo instante pode haver mudanças de uma para outra (SANTOS FILHO, 2002). Por isso, o técnico deve empregar somente quando possuir jogadores de nível técnico, físico e experiência bem elevada.

O técnico será o responsável pela escalação da equipe, e tem a obrigação de saber as potencialidades da sua equipe e da adversária para conseguir uma melhor resposta dos seus comandados através das situações impostas pelo jogo. Para Frisselli e Mantovani (1999) cabe a ele a função da organização da equipe.

Tubino (1975 apud FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 32), “define a comissão técnica como um grupo de pessoas reunidas em torno de um processo de treinamento, que traz especializações nas diferentes partes da preparação”.

“A comissão técnica deverá sempre integrar-se por tarefas comuns e por um propósito, onde a atuação de cada um depende da atuação dos demais, ainda que se mantenha a especificidade de cada elemento integrante da equipe” (VALENTIM, 1986 apud FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 32).

Para Frisselli e Mantovani (1999) a comissão técnica é composta por supervisor, técnico, assistente técnico, preparador físico e treinador de goleiros. Podem fazer parte ainda o corpo médico (médicos, fisiologistas, fisioterapeutas, nutricionistas e psicólogos) e assistentes (massagistas, roupeiros). Todos estes componentes lidam de uma forma direta ou indireta com o grupo de atletas, podendo interferir no desempenho dos resultados.

Conforme Dantas (1995 apud SILVA, 2002, p. 10) as responsabilidades do treinamento passam a ser divididas igualmente entre os membros da comissão técnica, os quais atuam em áreas perfeitamente definidas através de compreensão e cooperação mútua. Cabe ao treinador da equipe, a responsabilidade pelo planejamento das atividades que serão desenvolvidas nos treinamentos tanto na parte técnica como na tática, claro que levando em consideração as propostas expostas pelo resto da comissão técnica.

O técnico que trabalha em categorias de base, que compreende a formação de um criança ou adolescente no âmbito esportivo, deve levar em consideração que a reprodução de treinamentos, apenas coletivos, apenas coletivos, pode trazer resultados negativos no ensino do futebol (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999). A criança deve deparar-se com uma variedade de treinos que possibilitem a formação tática, técnica ou física, pois essa diversidade leva a uma maior motivação para o aprendizado.

Completamos o raciocínio anterior através de Krebs (1995) apud Saad (2006), que diz que o treinamento e a participação competitiva de crianças têm sido uma réplica, ou uma adaptação mais ou menos estreita, dos conhecimentos e das formas de organização do esporte de alto rendimento.

O treinamento tático, para Bauer (1978) apud Frisselli e Mantovani (1999), leva em consideração variáveis como a condição física e técnica de

sua equipe e do adversário, as condições do local de jogo (terreno, clima, torcida, dimensões do gramado), a situação em que se encontra a sua equipe e o adversário (colocação na tabela) e a disposição da equipe em campo (sistema).

Para Frisselli e Mantovani (1999, p. 164), o sistema será uma estrutura diretiva sobre a qual se apoiarão as regras a serem seguidas pela equipe na busca de um resultado positivo.

O objetivo que se busca com o treinamento tático é harmonizar as ações motoras dentro da coletividade e minimizar os efeitos da heterogeneidade quanto aos aspectos físicos, técnicos e táticos (Silva, 2002). Ou seja, o futebol de alto rendimento busca solucionar as vantagens em relação ao adversário, simplificando situações complexas em simples.

Isto nos leva a crer que o objetivo é ter superioridade sobre uma equipe adversária, uma melhor distribuição em campo, automatização das jogadas resultando numa maior capacidade de enfrentamento.

Segundo Silva (2002), a evolução do conhecimento científico e o advento de várias áreas do conhecimento humano no futebol de alto rendimento, possibilitaram o desencadeamento de um processo rumo à especialização. Isso gera, para os profissionais, uma potencialização das ações teóricas e práticas na busca de um melhor desempenho para suas equipes.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois levou em conta as observações feitas nos jogos de futebol para o processo de formação.

3.2 Amostra

Foram selecionados para observação, jogos de futebol de categorias de base que envolveram equipes com crianças e adolescentes participantes do Campeonato Gaúcho de Futebol. Para isso, levou-se em conta o agendamento por parte da Super Liga Gaúcha de Futebol Infantil, que abrange as categorias sub-10 à sub-15, sendo esta a responsável pela marcação dos confrontos. Desses jogos, analisamos trinta equipes diferentes, sendo dezoito na forma direta (presença no local) e doze indiretamente (através de vídeos).

O tamanho da amostra foi delimitado por saturação, pois em determinado momento os dados tornaram-se repetitivos.

Cada partida disponibilizou dados sobre duas equipes, o que abrangeu uma maior quantidade de informações. Estes dados foram analisados de uma única vez, pois, cada equipe foi observada apenas uma vez.

Para análise do número de vitórias por sistema, levamos em consideração somente as equipes que utilizaram o mesmo sistema durante toda a partida. Já os gols, foram contabilizados para cada sistema, ou seja, no momento da marcação do gol esse era anotado para o sistema que a equipe estava usando naquele período do jogo.

3.3 Procedimentos de pesquisa

3.3.1. Observações como técnica de pesquisa

Segundo Gil (1999, p. 110) a observação constitui um elemento fundamental para a pesquisa, pois desempenha um papel indispensável na formulação do problema, elaboração das hipóteses, coleta, análise e interpretação das informações. Ela será utilizada principalmente na coleta de dados.

Por ser muito utilizada em várias pesquisas, a observação pode ser considerada como um método de investigação (GIL, 1999).

Ainda Gil (1999) técnica de observação tem como principal vantagem a coleta de dados no exato momento que acontecem, ou seja, os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação.

Após a revisão de literatura, onde se buscou atingir a qualidade de informação do objeto de estudo, entendeu-se que a melhor forma de abordá-lo seria através da observação dos jogos de futebol. Este trabalho de conclusão de curso foi composto de duas partes, por um lado, um trabalho de leitura, construindo os capítulos da revisão de literatura e, por outro, as observações exploratórias dos elementos de organização presentes num jogo de futebol: sistemas utilizados e tipos de marcação.

As leituras foram fundamentais para obter informações sobre o objeto de estudo, nelas buscou-se aprofundar o conhecimento em relação às tendências de sistemas na formação de jogadores. As leituras ajudaram a elaborar um sistema categorial que serviu de base para a interpretação do material compulsado (corpus do trabalho).

Assim como as leituras ajudaram a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao objeto de estudo, as observações contribuíram para a classificação dos aspectos que são mais considerados no processo de formação de jogadores.

3.3.1.1. Observações simples direta e indireta

A pesquisa foi feita através de duas formas de observação: simples direta, onde o pesquisador permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observando de maneira espontânea os fatos que ocorrem (GIL, 1999) e indireta, através de vídeos gravados com jogos.

Para a observação simples o pesquisador é considerado mais um espectador do que um ator, sendo atribuída um termo para esse tipo de pesquisa como sendo observação-reportagem, pois é uma técnica muito empregada pelos jornalistas.

Conforme Gil (1999) esse tipo de técnica de coleta de dados apresenta algumas vantagens tais como: obtenção de elementos para a definição de problemas, elaboração de hipóteses e obtenção de dados nas comunidades, grupos ou instituições sem produzir suspeita. Mas também tem desvantagens, por exemplo, quando o pesquisador canaliza pelos seus gostos ou afeições, quando depende da sua memória ou amplia muito a margem de interpretações subjetivas.

3.3.1.2. Aplicação das observações

As observações foram realizadas apenas pelo pesquisador, ficando a critério desse a coleta das informações.

A observação foi feita através da interpretação e identificação das informações transmitidas no local de jogo e através dos vídeos. Utilizou-se um formulário (ANEXO A) previamente elaborado com os itens da organização (sistema e tipos de marcação). A prática das observações foi encerrada quando as informações coletadas pelo pesquisador, nos jogos, tornaram-se repetitivas. Isso causou uma amostra de dados por saturação.

3.3.2. Diário de Campo

O diário de campo foi composto por um formulário (ANEXO A) previamente elaborado, com base na revisão da literatura (Frisselli e Mantovani 1999; Santos Filho 2002; Baratz 2002; Barbieri, Benites e Neto 2009; Quina 2001) onde se pegou os sistemas mais utilizados hoje em dia e os tipos de marcação. Ele serviu para anotações das informações referentes à partida em observação.

Nesse formulário foi reservado um espaço para informações extras referentes ao jogo, pois durante a partida a equipe poderia ter utilizado maneiras diferentes na sua organização.

3.4. Procedimento de coleta de dados

Os jogos foram observados apenas na cidade de Porto Alegre, Canoas e Gravataí tendo em vista que a maioria das equipes que participaram do Campeonato Gaúcho organizado pela Super Liga Gaúcha de Futebol Infantil (sub-10 a sub-15) encontravam-se na capital ou na região metropolitana.

No formulário, foram anotadas as informações observadas no exato momento em que ocorreram. Cada folha do formulário foi preenchida com detalhes de apenas uma das equipes, facilitando para o observador as anotações.

3.4.1. Constituição do Corpus

Foi constituído um documento para a tarefa de observação que conteve itens relacionados à organização da equipe que incluíam os sistemas (quais os utilizados durante a partida) e os tipos de marcação (individual, zona, mista).

3.5. Análise dos dados

Conforme Bardin (1977) apud Gil (1999, p. 165) “a análise de conteúdo baseia-se em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados, inferência e interpretação”.

A pré-análise é a fase de organização. Inicia-se geralmente com os primeiros contatos com os documentos (leitura flutuante). A exploração do material constitui-se, geralmente, numa longa e fastidiosa fase cujo objetivo é administrar as decisões tomadas na pré-análise. Já na fase do tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, objetivam tornar os dados válidos e significativos (GIL, 1999).

A análise de conteúdo foi feita através de duas maneiras. Uma pelo método narrativo ou registro contínuo onde o pesquisador registrou uma série de informações no exato momento em que ocorreram e outra pela interpretação dos dados.

Foi utilizado, também, o método de conferência ou contagem de frequência – que envolveu o registro da ocorrência de um comportamento – para fazer a contagem dentro da estrutura do formulário elaborado. Embora estivesse atento a quantidade dos dados, estes serviram apenas como balizadores de nossa interpretação.

As informações foram identificadas apenas pelo observador, podendo ter gerado alguma diferença nas interpretações da partida.

3.5.1. Sistema Categorial

Classificar e ordenar este estudo em categorias foi uma tarefa de identificação, estabilização e atribuição de sentido às informações recolhidas através das observações. Desta forma as observações foram feitas com rigor no sentido de relatar todas as manifestações presente nos jogos analisados, claro que levando em conta as informações buscadas através do diário de campo.

4.5.1.1. Categorias a Priori

Com base nas leituras realizadas para a estruturação da revisão literária, foi investigada, através da observação de jogos, a prevalência dos itens da organização. Os itens a avaliados foram os sistemas e os tipos de marcação.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A literatura sobre futebol apresenta diversos conceitos referentes aos elementos que compõem a organização de uma equipe, o que dificultou em muito, a utilização correta de termos. Alguns falam em sistema de jogo, ou sistemas táticos, ou esquemas, ou disposições táticas, ou formações ou até mesmo tática. Em razão das pessoas que trabalham com futebol usarem erroneamente os conceitos, na maioria dos artigos e livros que tivemos acesso, os autores tentam diferenciar esses termos antes de comentar cada um deles. Para isso, busquei no futsal os termos para definir exatamente do que estaria tratando, pois nesse esporte a maioria dos autores emprega os mesmos conceitos e definições para esse tipo de prática.

As equipes analisadas utilizaram apenas quatro sistemas: 4 - 4 - 2; 3 - 5 - 2; 4 - 5 - 1 e 4 - 3 - 3, seja no início do jogo ou durante a partida. Em nossas observações, o sistema mais utilizado pelos treinadores foi o 4 - 4 - 2, onde vinte e quatro usaram esse sistema.

A grande utilização por este sistema pode ser explicado por Quina (2001) em razão da ocupação racional e equilibrada dos espaços. Além disso, esse sistema possui uma qualidade que são as variações que podem ser feitas durante a partida, tais como 4 - 5 - 1, 4 - 3 - 3. Ainda, a facilidade de montar triângulos (linhas de passe) e pequenas mudanças onde podem tornar a equipe mais defensiva ou ofensiva. Talvez essas características fizessem com que os treinadores escolhessem esse sistema como plataforma para sua equipe.

O sistema 4 - 5 - 1 foi empregado por dez equipes, sendo mais usado como uma variação do 4 - 4 - 2, em razão das equipes estarem sendo atacadas e não conseguirem a criação de jogadas ofensivas. Os treinadores optaram por recuar um dos atacantes para ajudar na marcação do setor de meio campo, já que o poder ofensivo da equipe estava fraco, pois a bola não chegava ao setor de ataque.

Entretanto, a escolha pelo recuo, dificultou ainda mais para a equipe, pois eles não conseguiam fazer a transição da defesa para o ataque, ocorrendo apenas através de chutões para frente. Isso prejudicou a transição em velocidade que é uma das qualidades desse sistema. Pelo observado, podemos

presumir que o recuo não é válido, já que as equipes que utilizaram esse sistema apresentaram só resultados negativos, mas, se bem treinado, pode surtir efeito positivo.

O sistema 3 - 5 - 2 foi utilizado por dez equipes, sendo escolhido pelos treinadores quando estas apresentavam dificuldades em impedir os atacantes adversários, na sua habilidade ou na sua velocidade de execução de jogadas ofensivas. O treinador se utilizava desse sistema por possuir um jogador na sobra (líbero) dos outros dois zagueiros. Para Santos Filho (2002) a composição com mais um zagueiro para marcação, torna seu esquema mais forte defensivamente.

Porém, em nossa observação os objetivos de frear o ataque adversário não foram devidamente alcançados. Talvez não tenham atingido os objetivos pela falta de conhecimento dos jogadores do novo sistema. Ainda pelo posicionamento incorreto, pois muitas vezes, os três zagueiros apresentavam-se em linha.

Os alas por serem considerados peças chaves nesse sistema, devem saber cumprir as funções ofensivas e defensivas muito bem. Mas algumas equipes observadas, os alas desempenhavam apenas uma função, o que gerava dificuldades. Se apenas atacassem, criavam espaços vazios no setor de defesa, que não eram preenchidos pelos volantes, e se só defendessem, não ofereciam opções de passe para os atacantes.

Entendemos que o sistema 3 - 5 - 2 apresenta uma boa distribuição em campo, desde que seja cumprido o posicionamento dos jogadores. Pois esse sistema apresenta uma característica como a movimentação constante dos atletas. Isso requer muito treinamento para os três setores do campo.

O sistema 4 - 3 - 3 foi utilizado por dez equipes. Este foi adotado pelas equipes apenas no momento em que perdiam a partida. Algumas obtiveram sucesso na utilização, pois marcaram alguns gols, mas nenhuma delas conseguiu vencer o jogo.

Pode ser considerado um sistema, pelas nossas observações, mais ofensivo do que os já mencionados, mas se não dispuser de jogadores versáteis pode trazer dificuldades para o setor de defesa. Algumas equipes fizeram uso desse sistema de forma incorreta, pois se preocuparam apenas em atacar, já que estavam perdendo, mas ao mesmo tempo sofriam ataques

incessantes contra sua goleira. Isso tudo aconteceu por facilitar a saída de bola do adversário, pois não exerceram uma marcação pressão. Ainda, os jogadores da linha ofensiva, deixavam de acompanhar os laterais adversários, sobrecarregando o setor defensivo.

Do total da amostra, apenas dezessete equipes usaram o mesmo sistema. Com base nisso, o sistema que apresentou o melhor resultado foi 4 - 4 - 2, com dez vitórias. Esse número, pode ter sofrido influência, pela maior quantidade de equipes que utilizaram o sistema 4 - 4 - 2. Entretanto, pela nossa observação dos jogos, esse sistema obteve sucesso, por apresentar, na maioria das equipes, uma organização mais adequada quanto ao posicionamento dos jogadores dentro de campo. Isso é um dado gerado pela análise, já que existe pouca ou nenhuma pesquisa nesse sentido.

Já a utilização do 3 - 5 - 2 resultou em cinco vitórias. Ainda houve dois empates desse sistema (equipes 13; 21).

A maioria das equipes usou o mesmo sistema em toda a partida. Poucas usaram dois sistemas ou mais no jogo. Os motivos que levaram as mudanças de sistema durante a partida ocorreram devido à: 1) dificuldade na marcação e criação de jogadas ofensivas, quando a equipe era pressionada a todo instante, resultando na abdicação do ataque por uma marcação mais forte em determinado setor do campo; 2) inferioridade ou superioridade no placar; 3) mudanças feitas pela equipe adversária.

Na maioria das vezes, essas mudanças de sistema não acarretaram resultados esperados. Na verdade, apenas uma equipe “3” obteve o resultado desejado. Quando os técnicos optavam por uma mudança de sistema, ocorreram momentos de desordem para a equipe o que gerou enormes dificuldades para sua organização, pois o posicionamento dos jogadores dentro de campo acabava favorecendo a equipe adversária, pelo motivo de existir um maior número de espaços vazios, facilitando a criação de jogadas ofensivas da equipe adversária. Isso pode ter ocorrido pela falta de treinamento dos novos sistemas, ou do conhecimento das funções, orientações incorretas do treinador. Ainda, a escolha errada por um determinado sistema em relação a outro, pode gerar resultados negativos. Isso acontece quando o treinador realiza uma mudança de sistema esperando uma resposta e acontece

outra totalmente contrária. Por isso, o sistema tem que adaptar-se as características que o jogo apresenta.

Durante a coleta de dados, observações dos jogos ocorreram 70 gols. Dentre os sistemas utilizados pelas equipes, aquele que gerou o maior número de gols a seu favor foi o 4 - 4 - 2, com 38. Já o sistema que apresentou o maior número de gols sofridos foi o 4 - 5 - 1, com 42.

Conforme foi dito anteriormente, este dado pode ter sofrido interferência pelo número de equipes que utilizou o sistema 4 - 4 - 2. Porém, pelas análises dos dados, pode-se interpretar que pela maior produção de gols e conseqüentemente o de vitórias, podemos dizer que trata-se do sistema mais adequado para o processo de formação de atletas. Claro que esses dados são levados em consideração apenas para uma interpretação do nosso estudo, pois existe pouca ou nenhuma literatura fazendo referência quanto à utilização de um sistema na produção de gols.

Já o sistema 4 - 5 - 1 obteve os piores resultados porque apresentou certos momentos de desorganização nos momentos de mudanças. A falta de treinamento, permuta de um sistema para outro, pode ter causado esses números, pois a todo instante os atletas ficavam perdidos, sem saber o que fazer, ou seja, que função desempenhar. Além disso, a equipe abdicou do ataque para reforçar seu sistema no setor de meio campo. Talvez a exigência de apenas defender, possa ter causado esse resultado, pois o ataque, por muitos treinadores, é uma forma de defender-se.

O tipo de marcação mais frequente foi a marcação por zona, utilizada por todas as equipes. Apenas as equipes “2” e “4” usaram num determinado período da partida a marcação mista, pois os adversários apresentavam jogadores que promoviam um desequilíbrio técnico em favor de sua equipe. Os melhores resultados foram apresentados com a marcação zona, já que as duas equipes que utilizaram a marcação mista acabaram sofrendo um número maior de gols.

Atualmente, existem dois tipos de marcação utilizados pelos treinadores, a zona e mista. A escolha de todas as equipes pela marcação zona deve-se ao fato de produzir um menor gasto energético, já que a amostra contava com equipes de categorias de base, ou seja, estavam presentes crianças e adolescentes.

Uma das vantagens em utilizar esse tipo de marcação é de estabelecer as zonas de atuação de cada jogador, o que pode facilitar o entendimento para o processo de formação.

Além disso, o apoio aos companheiros, quando estes se encontravam em inferioridade numérica num setor, pode ser a causa de resultados mais favoráveis para uma equipe em detrimento de outra, já que as duas usaram o mesmo tipo de marcação.

A marcação mista pode produzir espaços no campo, pois os jogadores que estão marcando individualmente saem de suas posições. Para isso não ocorrer, tem que haver um treinamento para implantar esse tipo de marcação durante a partida. Ainda, aqueles responsáveis pela marcação individual, devem ter um excelente preparo, pois terão que seguir o adversário por onde ele for. Isso é uma dificuldade que esse tipo de marcação apresenta, pois no processo de formação, o público que se trabalha são crianças e adolescentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema escolhido para a realização do trabalho de conclusão de curso possibilitou um aprendizado sobre as diferentes formas (sistemas e tipos de marcação) de organizar equipes de futebol compostas por crianças e adolescentes das categorias sub-10 a sub-15). Além disso, foi um desafio acadêmico encontrar uma terminologia comum para expressar determinados eventos da preparação/treinamento tático, pois entre os autores consultados não houve concordância de opiniões. Por isso, nos valem da literatura do futsal a qual apresenta conceitos e definições iguais perante diversos autores.

A organização de uma equipe de futebol é muito importante, pois através dela podemos ter sucesso ou fracasso nos objetivos traçados. Uma boa organização deve proporcionar um menor desgaste físico, uma apropriada ocupação de espaços tanto na defesa como no ataque e criações de jogadas. Somado a isso, ajuda na orientação dos jogadores dentro de campo, no desempenho de comportamentos técnico/táticos, ordem e equilíbrio entre os diferentes setores do campo. Por isso, deve-se ter uma mínima organização, pois os dados analisados mostraram que uma equipe desorganizada apresenta maiores dificuldades tanto para defender como para atacar.

O sistema 4 - 4 - 2 por ser mais utilizado pelos treinadores das equipes participantes do Campeonato Gaúcho de Futebol Infantil (sub-10 a sub-15), e ter apresentado os melhores resultados tanto no maior número de gols feitos quanto no menor número de gols sofridos pode ser considerado, provavelmente, o mais adaptado sistema para o processo de formação de jogadores.

As mudanças de sistemas ocorridos durante os jogos observados, ao contrário do que se esperava, levaram a uma dificuldade de adaptação dos jogadores ao novo sistema adotado. Isso ocorreu possivelmente por: 1) dificuldade em desempenhar novas funções; 2) falta de conhecimento do sistema; 3) não ter sido treinada pelo técnico.

O tipo de marcação mais utilizada nos jogos do campeonato foi a marcação por zona, presente em todas as equipes. Por isso, ela pode ser considerada a mais adaptada para essas categorias.

Com os dados obtidos durante o trabalho, sobre o sistema e o tipo de marcação, podemos inferir que a organização mais adaptada de uma equipe de futebol é a que utiliza o 4 - 4 - 2 como sistema e a marcação por zona no processo de formação de jogadores. Além disso, essa organização pode ser considerada a plataforma inicial para a equipe, o que não quer dizer que não possa existir uma organização diferente, pois o jogo de futebol é extremamente dinâmico, está sempre sofrendo constantes mudanças.

Entretanto, não cabe a nós a defesa do sistema 4 - 4 - 2 e da marcação por zona, porque os resultados analisados apenas fazem referência para o mais adaptado, o que não quer dizer que sejam os melhores.

Todo o sistema tem suas vantagens e desvantagens, compete ao treinador selecionar aquele que mais se adapta as potencialidades do grupo de jogadores de sua equipe. Por este motivo, devem treinar mais de um sistema e tipo de marcação para que em determinados momentos do jogo, dependendo das necessidades impostas pelo jogo da equipe adversária, possa utilizar as variações sem que haja problemas na organização da equipe.

O conhecimento especializado dos diferentes sistemas e tipos de marcação ajuda o treinador na orientação aos seus jogadores nos treinamentos e, por consequência, implicará numa maior facilidade nas mudanças necessárias que venham ocorrer durante a partida.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir com conhecimentos que auxiliem os treinadores nas escolhas dos sistemas e tipos de marcação no processo de formação de jogadores de futebol.

REFERÊNCIAS

BARATZ, André. **A escalação da vitória no futebol.** Porto Alegre: Cidadela, 2002.

BARBIERI, Fábio Augusto; BENITES, Larissa Cerignoni; NETO, Samuel de Souza. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, 2009. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/2587/2387>. Acesso em: 19 set. 2009.

COSTA, Luciane Cristina Arantes; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/ UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, 2004. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewArticle/3421>. Acesso em: 26 set. 2009.

CUNHA, Sergio Augusto; BINOTTO, Mônica Ribeiro; BARROS, Ricardo Machado Leite de. **Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol.** Revista Paulista Educação Física, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 111-116, 2001.

FRISSELLI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo. **Futebol: teoria e prática.** São Paulo: Phorte, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José. **O ensino dos jogos desportivos.** Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Universidade do Porto, 1994.

LOPES, Alexandre Apolo da Silveira Menezes. **Futsal: metodologia e didática na aprendizagem.** São Paulo: Phorte, 2004.

MAROTZKE, Hans. **Futebol. Treino Desportivo.** Lisboa-Portugal, nº19, nov-dez 1979.

MELO, Rogério Silva de. **Sistemas e táticas para futebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

MUTTI, Daniel. **Futsal: da iniciação ao alto nível**. 2. ed.. São Paulo: Phorte, 2003.

OLIVEIRA, J. F. **Análise da evolução dos sistemas de jogo no futebol, a nível mundial e brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1994. Disponível em: http://lib2.biblioteca.unesp.br/F/IFF7Q7YX6LU2YP3AYHF95T2K8VB431ADIFHYA7HLG8U5L8C17T03048?func=findacc&acc_sequence=003126215. Acesso em: 19 set. 2009.

QUINA, João do Nascimento. **Futebol: Referências para a organização do jogo**. Edição: Instituto Politécnico de Bragança, 2001.

SAAD, Michel Angillo. Iniciação nos jogos esportivos coletivos. **Revista Digital, Buenos Aires**, v. 11, n. 95, abr. 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd95/inici.htm>. Acesso em: 09 mai. 2009.

SANTOS FILHO, José Laudier Antunes dos. **Manual de futebol**. São Paulo: Phorte, 2002.

SILVA, Eduardo Luís da. **Atuação técnica do preparador físico com o treinador na orientação dos treinamentos das equipes de futebol profissional brasileiro**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SILVA, Rui Garganta da. **O futebol é para todos**. 3º ed., Lisboa: RS, 1978.

THOMAS, Jerry R.. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed.. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VIANA, Adalberto Rigueira. **Futebol prático; preparação física, técnica e tática**. Viçosa, UFV, Impr. Univ., 1981.

VOSER, Rogério da Cunha. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. 2. ed.. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

ANEXO A - FORMULÁRIO DE OBSERVAÇÃO

Local:

Data:

Equipes:

x

Equipe em análise:

Sistemas

4 - 4 - 2		
4 - 3 - 3		
4 - 5 - 1		
3 - 5 - 2		

Tipos de Marcação

Individual		
Zona		
Mista		

Observações Extras

Sistema	Tipo de Marcação	Extras